

#cm

2

SEGUNDA-FEIRA



AXIÉ, CRISTINA ACHÉ!

Retrospectiva na Caixa Cultural dimensiona a relevância que Cristina Aché teve nas telas do cinema autoral brasileiro

com 24 filmes marcados por representações femininas plurais. Nas páginas seguintes ela conversa com o Correio.

Páginas 2 e 3

ENTREVISTA | CRISTINA ACHÉ

ATRIZ E ARTESÃ

'A gente só consegue enxergar uma trajetória depois que ela já aconteceu'

RODRIGO FONSECA Especial
para o Correio da Manhã

Predicados de diva, Cristina Aché tem aos montes: da beleza digna de Helena de Troia ao modo inquieto de investigar as inquietações existenciais ligadas à força feminina. Logo que apareceu, despontando na telona, no início da década de 1970, virou musa. Só que rótulos achatam quem tem grandeza. E Cristina é grande... das nossas maiores atrizes. Espécie de Monica Vitti dos trópicos, ela refutou taxonomias, abriu mão dos adjetivos mais imediatistas. Estudou e buscou novas veredas. Mas deixou sua marca. Basta ver qualquer um dos títulos reunidos pela Caixa Cultural do Rio de Janeiro, sob a curadoria de Rogerio Cavalcante e Castro e produção de Talles Reis, para a retrospectiva de Aché que começa nesta terça-feira, para perceber como o talento dela salta aos olhos, num modo de atuar delicado e reflexivo.

O evento, que vai até 26 de julho de 2026, foi atrás dos 24 filmes que ela rodou de 1973 a 2008, antes de se desligar do cinema e zarpar para uma vida de artesanato, trabalhando com tecidos na Região Serrana. A lista de longas em projeção na Caixa traz blockbusters ("Os Sete Gatinhos"), cults que foram aplaudidos em Cannes ("Chuvas de Verão") e pérolas de seiva modernista ("O Homem do Pau-Brasil"), ressaltando parcerias com realizadoras/es de alto quilate inventivo. Quase todo dia da retrospectiva tem um bate-papo com artistas de prestígio. Na abertura, neste 30 de junho, ela e o cineasta Bruno Barreto revisitam "Amor Bandido" (1979), um thriller on the rocks.

No papo a seguir, Cristina di-



Cristina Aché vive hoje na Região Serrana onde se dedica a trabalhar com tecidos artesanais

mensiona ao Correio da Manhã o que significa reviver uma estrada de tantos acertos e de tanta encantaria.

Sua filmografia impressiona pela qualidade de bons filmes e também pela diversidade das personagens que você encarnou. Como é que as suas escolhas profissionais foram fei-

tas? O quão consciente foi esse percurso artístico que, como a mostra comprava, é notável?

Cristina Aché - Acho que nada acontece por uma razão só, até porque eu sempre fui uma pessoa muito crítica. Eu tive o privilégio de poder escolher muitas coisas boas porque, quando comecei, não existia essa quantidade de jovens

atrizes que existe hoje. Não tinha tanta gente querendo botar a cara na tela. Também tive a sorte de me aproximar cedo de cineastas muito importantes e de conviver com gente extremamente talentosa. A gente só consegue enxergar uma trajetória depois que ela já aconteceu.

Em que momento dessa trajetória bateu aquela

certeza "agora eu sou uma atriz"?

Depois do meu primeiro filme. Eu ainda era estudante e não me considerava atriz. Quando fui chamada para fazer o segundo, percebi que precisava estudar. Comecei a fazer cursos e me aproximei do teatro. Logo fui encontrando pessoas fundamentais na minha formação. Tive muita sorte nesse sentido.

Felipe Haua/Divulgação

PROGRAMAÇÃO DA PRIMEIRA SEMANA DA MOSTRA

30/6 (TERÇA-FEIRA)

13h — “Amor Bandido” (Bruno Barreto, 1979, 95 min, 16 anos), seguido de bate-papo entre Cristina Aché e o diretor Bruno Barreto

16h45 — Aula Magna: “A verve feminina no cinema brasileiro”, com a diretora Beth Formaggini e as atrizes Betina Viany e Gilda Nomacce.

1/7 (QUARTA-FEIRA)

14h30 — “Guerra Conjugal” (Joaquim Pedro de Andrade, 1975, 93 min, 14 anos), com apresentação das atrizes Analu Prestes, Juliana Carneiro da Cunha e Cristina Aché.

18h — “O Homem do Pau Brasil” (Joaquim Pedro de Andrade, 1981, 107 min, 18 anos)

2/7 (QUINTA-FEIRA)

14h30 — “O Homem do Pau-Brasil” (1981, 107 min, 18 anos)

17h — “Contos Eróticos” (Roberto Santos, Roberto Palmari, Eduardo Escorel e Joaquim

03/07 (SEXTA-FEIRA)

13h — “As Deliciosas Traições do Amor” (Tereza

Trautman, Domingos de Oliveira e Phydias Barbosa, 1975, 89 min, 18 anos), com apresentação da sessão pelo diretor Phydias Barbosa, o ator Stephan Nercessian e a atriz Kátia D’ Angelo.

16h30 — “Nem os Bruxos Escapam/O Resgate” (Valdi Ercolani, 1975, 90 min, 18 anos), com bate-papo após a sessão entre o diretor Valdi Ercolani, o ator Bernardo Pimentel e Cristina Aché e o pesquisador Fábio Vellozo.

04/07 (SÁBADO)

13h15 — “Padre Cícero: os Milagres de Juazeiro” (Helder Martins, 1975, 118 min, 14 anos), com bate-papo após a sessão entre Cristina Aché, o fotógrafo Walter Carvalho e a crítica e radialista Ana Rodrigues.

17h — “Chuvas de Verão” (Cacá Diegues, 1978, 96 min, 16 anos), seguida de debate com o ator Carlos Gregório, o diretor Daniel Filho e o professor Sérgio Almeida.

05/07 (domingo)

12h — “A Batalha dos Guararapes” (Paulo Thiago, 1978, 156 min, 14 anos)



Amor Bandido



Vereda Tropical



Doces Poderes



Os Sete Gatinhos



Chuvas de Verão

“Sinto que essas mulheres todas que eu interpretei refletem tanto os diretores com quem trabalhei quanto aspectos meus. Essa é a beleza da atuação. Você vive alguém que não é você, mas empresta parte de si para aquela personagem”

Joaquim Pedro de Andrade teve um papel decisivo nessa formação?

Sem dúvida. Fiz três filmes com ele, vivi nove anos ao seu lado e tivemos dois filhos. Nossa casa era um lugar de encontro de pessoas que discutiam cultura, política e cinema brasileiro. Glauber Rocha, Leon Hirszman, Cacá Diegues, Arnaldo Jabor e tantos outros pas-

savam por lá. Era um ambiente muito rico intelectualmente.

Por que você se afastou da atuação?

Foram várias razões. Houve um período em que o cinema brasileiro passou por muitas transformações e surgiu uma estética mais ligada à televisão, um espaço em que eu nunca me encaixei

totalmente. Ao mesmo tempo, fui aprofundando meu interesse pelo teatro e, mais tarde, vivi uma experiência muito importante na França, trabalhando com o Théâtre du Soleil. Quando voltei ao Brasil, não me via entrando numa dinâmica de disputar espaço na televisão ou passar a vida tentando aprovar projetos em editais. Acabei encontrando outro cami-

nho artístico. Há uns quinze anos trabalho com tecidos artesanais, com shibori (técnica japonesa de tingimento). Isso acabou se tornando um meio de ganhar a vida e uma fonte enorme de realização pessoal. Construí uma vida muito feliz em torno desse trabalho.

Mas a vontade de atuar continua existindo?

Continua. Em determinado momento comecei até a me preparar para voltar. Procurei agentes, gravei material, comecei a me movimentar. Quando estava pronta para dar esse passo, veio a pandemia e interrompeu tudo. Agora, com essa mostra, essa vontade reapareceu com força. E hoje é uma vontade diferente. Não existe mais aquela preocupação com juventude ou aparência. Gostaria de interpretar mulheres da minha idade, personagens que tenham histórias interessantes para contar.

Ao rever seus filmes, chama atenção a quantidade de mulheres diferentes que você interpretou, todas com muita potência. Que imagem do feminino perpassa seu trabalho?

Sinto que essas mulheres todas que eu interpretei refletem tanto os diretores com quem trabalhei quanto aspectos meus. Essa é a beleza da atuação. Você vive alguém que não é você, mas empresta parte de si para aquela personagem. Ao mesmo tempo, recebe muito dela. Talvez essa diversidade tenha relação com uma característica minha. Sempre fui muito curiosa em relação às pessoas e às experiências humanas. Consigo transitar por universos muito diferentes sem dificuldade. Isso certamente aparece nessas personagens.

O que mais aprendeu trabalhando com cineastas de alto quilate como Cacá Diegues, Joaquim Pedro, Lúcia Murat, Neville d’Almeida, Bruno Barreto?

Aprendi observando. Muitas vezes percebia que estava diante de algo especial. O Bruno, por exemplo, tinha uma clareza impressionante sobre o filme que queria fazer. O Lauro Escorel, diretor de fotografia de “Amor Bandido”, trabalhava com um rigor técnico extraordinário. Também aprendi muito com atores veteranos. Elza Gomes, Paulo Gracindo e tantos outros eram verdadeiras escolas. Quando percebiam que você tinha potencial, ajudavam a empurrar seu trabalho para frente. Agora, com essa mostra, aos poucos vou entendendo o significado disso tudo. Existe uma frase que ouvi de uma professora, a Glorinha Beutenmüller, grande preparadora vocal, que nunca esqueci. Ela disse: “é preciso saber o próprio tamanho, nem maior nem menor”. Essa homenagem me permitiu olhar para minha trajetória com mais equilíbrio. Sem me colocar acima do que sou, mas também sem diminuir o que fiz. Afinal, construí uma carreira importante. Fiz 24 filmes. Confesso que nem eu tinha noção exata desse número.

Cinema pra tocar na rádio... e no Spotify



A frequência alta (e autoral) de documentários musicais do Brasil segue viva na programação da CineOP, que escala produção sobre Hyldon em sua reta final, nas Gerais



Os 50 anos de carreira de Hyldon inspiram uma investigação documental musical

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

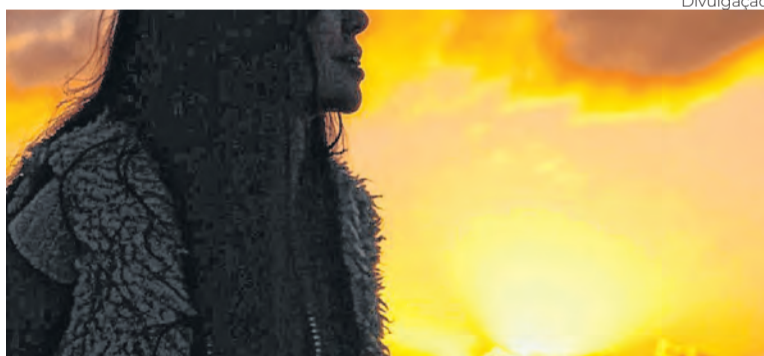
Falta pouquinho para “Michael”, de Antoine Fuqua, cruzar a marca do bilhão e se tornar um dos mais bem-sucedidos exercícios de Hollywood na seara da biopic musical, a mesma que fez de “Bohemian Rhapsody” (2018) e “Rocketman” (2019) minas de ouro e ímãs de Oscar. Ao mesmo tempo em que a ficção enche os cofres com a saga do jovem Michael Jackson (1958-2009), os cinemas latinos festejam a excelência de produções musicais documentais, que usam as ferramentas do arquivo e da entrevista para dissecar ídolos da canção. Este ano, tem longas sobre Elza Soares (de Eryk Rocha) e Gonzaguinha (de Susanna Lira) no forno, de olho em mostras do segundo semestre.

Já a CineOP, em Ouro Preto, vem se refestelando, desde sexta (quando resgatou em telona “Carmen Miranda: Banana Is Mus Business”), com a fina flor desse filão. Esta noite, tímpanos hão de amolecer com “As Dores do Mundo – Hyldon”, do bamba Emílio Domingos e Felipe David Rodrigues.

Um par de versos famosos do protagonista desse .doc, “Não estou disposto/a esquecer seu rosto”, sintetiza a operação de seus realizadores. Aos 75 anos, Hyldon de Souza Silva é um produtor, guitarrista, baixista, compositor e cantor brasileiro do gênero soul. Tendo trabalhado com música desde os 14 anos, foi instrumentista no início de carreira, tendo passado a compositor e produtor conforme foi amadurecendo. Seu primeiro álbum: “Na Rua, Na Chuva, Na Fazenda” faz 50 anos com status de clássico da música brasilei-



O curta ‘Araulfo Alves’ passa nesta segunda na CineOP, em cópia restaurada



‘Apopcalypse Segundo Baby’ está em competição na CineOP



‘Vivo 76’ abriu a edição carioca do É Tudo Verdade e faz sucesso em Minas com olhar de Lírio Ferreira sobre Alceu Valença

ra. Uma série de canções compostas por ele, inspiradas em histórias reais, revelam o soul romântico de um dos maiores compositores da nossa música popular. A formação e o trajeto

dele... de menino no sertão da Bahia ao topo das paradas de sucesso no Brasil... inspira um filmaço.

“O Hyldon compõe a Santíssima Trindade da soul music bra-

sileira, junto com Cassiano e Tim Maia. É uma lenda viva, um artista que é mais reconhecido por sua obra do que pelas suas aparições públicas. É um artista, uma pessoa muito reservada, mas que tem uma obra extremamente popular que qualquer pessoa na rua sabe cantar”, dimensiona Emilio. “O filme que o Felipe Rodrigues e eu fizemos é uma viagem no tempo, numa imersão no Brasil de 1975 a partir da ótica desse grande poeta”.

Nesta segunda, vai ter “Araulfo Alves”, documentário em P&B de 1973, feito por Afrânio Vital na CineOP. Nele, o som da cuíca precede e se mistura à fala do sambista, entre imagens da arquitetura da cidade de Mirá, interior de Minas Gerais.

Além de “As Dores do Mundo - Hyldon” e “Araulfo Alves”, a CineOP abriu espaço para Baby Consuelo por meio de “Apopcalypse Segundo Baby”, de Rafael Saar, que está na seleção competitiva, com boas chances de ser premiado. Noutras latitudes, Lírio Ferreira deixou seu “Vivo 76” ecoar por Ouro Preto. O longa é uma viagem lisérgica e documental pelo universo de Alceu, celebrando os cinquenta anos de um disco de 1976 que virou um marco definitivo da psicodelia bra-

sileira e da resistência cultural. Com arquivos raros e encontros contemporâneos, Lírio resgata a “sopa seminal” pernambucana que uniu ritmos tradicionais e a vanguarda do deserto, revelando Alceu como figura central do underground nordestino.

No domingo, duas sonoridades distintas fizeram a CineOP tremer. De um lado, veio “Da Lata – 30 Anos”, no qual Paulo Severo registra as maravilhas canoras de Fernanda Abreu, apoiado numa engenharia de montagem memorável. Do outro lado, pipocou “Universo Circular”, de Dácio Pinheiro, sobre a pioneira da música eletrônica no Brasil, Jocy de Oliveira. Em 1961, ela realizou a primeira performance do filão no país.

Nesta terça, a CineOP anuncia quem vence a sua competição oficial, mas, antes, projeta “Anistia 79”, de Anita Leandro. Ao vencer a 29ª Mostra de Tiradentes (MG), em janeiro, conquistando a láurea do júri popular e o Prêmio Carlos Reichenbach, a realizadora e educadora fez jus – agora, poeticamente –, à sua matrícula no ensino federal, pois deu ao cinema brasileiro uma aula... de democracia. Professora da Escola de Comunicação (ECO) da UFRJ, a realizadora mineira abriu uma caixa de Pandora que estava fechada há quase 50 anos, com sentimentos, vivências, engasgos e catarses de quem precisou sair do Brasil sob a pressão do regime fardado (de 1964 a 1985). Seu filme encontra registros raríssimos da Conferência Internacional pela Anistia no Brasil, realizada em Roma, em junho de 1979. Foi o maior encontro da esquerda brasileira fora do país. Ali há fatos essenciais para se entender a manutenção do aparato repressivo militar e a impunidade dos torturadores.

A solidão na era dos algoritmos

‘Apocalip-se’ investiga o isolamento pós-pandemia em montagem multimídia que entrelaça teatro, rock e audiovisual

A pandemia passou, mas deixou sequelas tanto na saúde quanto no comportamento humano. O isolamento nos afastou do convívio social. O que acontece com quem desaprendeu a estar com outras pessoas, quando desaprendemos a estar com outras pessoas? Essa pergunta incômoda é o ponto de partida de “Apocalip-se”, que estreia nesta quinta-feira (2) no Teatro Poesira.

Concebido como um musical, o texto de Julia Spadaccini e Marcia Brasil é uma reflexão bem-humorada (e também pessimelancólica) sobre solidão, tecnologia e saúde mental, temas que ganharam relevância depois da pandemia.

No centro dessa narrativa temos um homem solitário, vivido por Jorge Caetano que desde a pandemia permanece isolado em casa, relacionando-se apenas com a tela do celular e com uma assistente virtual, interpretada por Nina da Costa Reis. Incapaz de estabelecer vínculos reais, encontra na música a única possibilidade de comunicação genuína com o mundo e consigo mesmo. Aos poucos, a Inteligência Artificial deixa de ser apenas ferramenta e passa a ocupar o lugar de confidente, terapeuta e única testemunha da existência do protagonista.

O título do espetáculo inventa um novo verbo: “apocalipsar”, termo que define o processo de atravessar o fim de um mundo conhecido, elaborando as marcas emocionais deixadas pelo isolamento e pela transformação das relações humanas. “Apocalip-se” é um monólogo profundamente humano sobre um homem que desaprendeu a estar com as pessoas. A pandemia terminou, mas ele permaneceu isolado. A peça pergunta até que ponto a tecnologia aproxima ou apenas cria a ilusão do encontro”, resume Jorge Caetano, que também divide a direção com Alexandre Mello.

A dramaturgia nasceu durante o período mais crítico da pandemia e amadureceu ao longo dos últimos anos. “A IA acaba ocupando o lugar



‘Apocalip-se’ propõe uma reflexão sobre o preço da hiperconectividade e a necessidade de reconstruir vínculos reais

“É um monólogo profundamente humano sobre um homem que desaprendeu a estar com as pessoas. A pandemia terminou, mas ele permaneceu isolado. A peça pergunta até que ponto a tecnologia aproxima ou apenas cria a ilusão do encontro”

JORGE CAETANO

do outro. Ela parece substituir aquilo que é insubstituível: a presença imprevisível de uma pessoa. Como ferramenta, ela é extraordinária, mas é impossível não projetarmos nela algo mágico, humano. Quando isso acontece, nossa capacidade de encontro não se amplia. A ilusão do encontro talvez seja sua maior armadilha”, afirma Julia Spadaccini.

“Começamos a escrever a peça

assombradas pelo ‘fim’ do teatro, no auge da pandemia. Depois percebemos que a solidão daquele personagem era também a nossa. Hoje, entendemos que aquela experiência coletiva de afastamento abriu espaço para um enfraquecimento dos vínculos e para a fantasia de que companhias artificiais poderiam preencher esse vazio”, destaca Marcia Brasil.

Embora seja estruturado como um monólogo, “Apocalip-se” transforma a música em um segundo narrador da história. São seis canções inéditas, compostas por Felipe Storino e Jorge Caetano, que revelam aquilo que o personagem já não consegue expressar pela fala. Dialogando com a intensidade do rock e da MPB das décadas de 1960 e 1970, as músicas funcionam como o verdadeiro fluxo de consciência do protagonista. Em cena, além de Caetano e Nina, estão os músicos Felipe Storino (guitarra e direção musical), Paula Otero (violoncelo), Maurício Chiari (bateria e direção musical) e Rafael Oliveira (guitarra).

A encenação aposta em linguagem multimídia, com projeções audiovisuais desenvolvidas por Leticia Pantoja. O cenário transforma o palco em um ambiente povoado por telas e dispositivos tecnológicos, enquanto a iluminação reforça o contraste entre o universo digital e

a experiência humana.

Para o diretor Alexandre Mello, que dirige pela sexta vez um texto de Julia Spadaccini, “Apocalip-se” discute uma das questões mais urgentes do mundo de hoje. “O texto investiga como a tecnologia construiu enormes pontes de comunicação que, paradoxalmente, acabaram nos afastando do encontro físico e da convivência real. O personagem acredita que pode substituir o outro por uma máquina, mas nós só existimos plenamente nas relações humanas. É dessa tensão entre humor, solidão e desejo de reencontro que nasce a força da peça”, comenta o encenador.

SERVIÇO APOCALIP-SE

Teatro Poesira (Rua São João Batista, 98, Botafogo)
De 2/7 a 30/8, de quinta a sábado (20h) e domingos (19h) | Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

CORREIO CULTURAL



Gisele Federicce/Divulgação

A cultura produzida em comunidades poderá captar recursos

MinC amplia acesso à Lei Rouanet para projetos em comunidades

A ministra da Cultura, Margaret Menezes, lança nesta terça-feira (30) a segunda edição do programa Rouanet nas Favelas, iniciativa do Ministério da Cultura (MinC) que destinará, no mínimo, R\$ 10 milhões para o fortalecimento da produção cultural em territórios de favela de todo o país.

Realizado em parceria com a Vale, o programa amplia o acesso aos recursos da Lei

Rouanet.

Nesta segunda edição, o Rouanet nas Favelas irá selecionar, no mínimo, 50 projetos culturais, com investimento de até R\$ 200 mil por proposta, contemplando agentes culturais de oito capitais. Poderão ser inscritas iniciativas nas áreas de artes cênicas, música, artes visuais, audiovisual, humanidades, patrimônio cultural e museus.

Foto-ópera

Estreada em janeiro em Recife, a ópera “Anastácia” - composta pelo pernambucano Armando Lobo inspirado na obra de Fiódor Dostoiévski - está sendo lançada em um formato inovador no meio da música de câmara: uma publicação impressa em papel com estilo semelhante ao das fotonovelas populares no Brasil nos anos 70 e 80. As cenas desta foto-ópera foram fotografadas em um antigo presídio localizado no centro do Recife, e que hoje abriga a Casa da Cultura da cidade.

Na Academia

Radicada no Brasil, a diretora de fotografia venezuelana Wilssa Esser está entre os profissionais convidados para integrar a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, instituição responsável pelo Oscar, na categoria de direção de fotografia.

Na Academia II

Wilssa construiu trajetória de destaque no nosso audiovisual com trabalhos em filmes como “Temporada”, “Levante”, “Aurora” e “Nosso Segredo”, primeiro longa-metragem dirigido por Grace Passô, que teve sua estreia mundial na Berlinale.

Doc. sobre Veríssimo estreia na TV

O Canal Brasil estreia nesta terça (30), às 20h, o documentário “Luis Fernando Veríssimo - O Filme”, em homenagem ao escritor gaúcho considerado um dos maiores cronistas do Brasil. Dirigido pela psicanalista e cineasta Luzimar Stricher, o longa foi um dos destaques do Festival de Cinema de Gramado em 2023.



Divulgação



Capas das três coletâneas de Maria Bethânia

Três vezes Bethânia

Diva da canção brasileira. Maria Bethânia tem seu aniversário festejado com coleção de coletâneas lançada pela Biscoito Fino



Jorge Bispo/Divulgação

Os três álbuns organizados reúnem gravações de Bethânia em trilhas de novelas, canções de fé e duetos com artistas de diferentes gerações

AFFONSO NUNES

Por ocasião de seu aniversário de 80 anos, Maria Bethânia (e o público, clato) foram apresentados em grande estilo. A Biscoito Fino lançou nas plataformas digitais três compilações temáticas que organizam sua obra em eixos fundamentais e sua carreira: a fé, as novelas e os encontros com outros artistas. São 80 anos de vida e mais de seis décadas de carreira condensadas em mapas mapas afetivos que contam histórias diferente sobre a mesma intérprete.

A mais interessante talvez seja “Encontros”, que traz como carro-chefe um registro até então inédito no mercado: o dueto de Bethânia com seu sobrinho Zeca Veloso para “Chega de Saudade”, o clássico de Tom Jobim e Vinícius de Moraes. A faixa foi gravada originalmente para uma campanha publicitária da Hering em 2021 e nunca havia sido disponibilizada comercialmente.

É o tipo de raridade que justifica uma compilação por si só, mas o álbum não para nisso. O repertório reúne parcerias notáveis da cantora com artistas como Alcione (“Sem Mais Adeus”), Angela Ro Ro (“Fogueira”), Gal Costa (“Minha

Mãe”), Gloria Groove (“O Meu Amor”), Alceu Valença (“De Janeiro em Janeiro”) e Chico César (“A Força que Nunca Seca”), entre outros. Há ainda um registro familiar precioso: “Pérola Negra”, com Caetano, Moreno, Zeca e Tom Veloso.

A segunda compilação, “Novelas”, resgata a relação da cantora com a teledramaturgia brasileira. Bethânia sempre teve suas canções requisitadas para trilhas dos folhetins televisivos, como aconteceu em “Sinhá Moça” (2006), “Pantanal” (2022), “Velho Chico” (2016), “Salve Jorge” (2012) e “Éta, Mundo Bom!” (2016), para citar alguns exemplos. O destaque fica por conta da versão de “Trocando em Miúdos”, que permanecia inédita nas plataformas digitais. A faixa integrou a trilha sonora de “Insensato Coração” (2011). Em todos esses registros fica claro que a presença de uma cantora como Bethânia na trilha deixa de ser pano de fundo para dar densidade dramática às cenas da trama.

E “Fé” é a compilação que talvez mais se aproxime do universo de Bethânia, que sempre fez da religiosidade um tema recorrente em sua obra musical. O repertório não se fecha numa crença e reforça todo o sincretismo que esta artista baiana carrega. Inclui “Ave Maria” (Caetano Veloso), “Canto de Oxum” (Toquinho e Vinícius de Moraes), “A Dona do Raio e do Vento” (Paulo César Pinheiro), “Santa Bárbara” (Roque Ferreira) e “Oração de Mãe Menininha” (Dorival Caymmi). O catolicismo e as religiões de matriz africana convivem em harmonia no coração de Bethânia, o que serve de conselho aos que demonizam a fé alheia.

As três compilações foram idealizadas pelo jornalista Renato Vieira, responsável pela pesquisa musical e seleção do repertório e que teve a sabedoria de reafirmar que Maria Bethânia é intérprete de voo próprio. É incontestavelmente, ainda aos 80 anos, a maior cantora viva do Brasil.

Robôs sommeliers?

Especialista britânico Jamie Goode reflete sobre a capacidade (ou não) de agentes de inteligência artificial degustarem um vinho



Imagem gerada pela IA GPT Image 2

Será que um dia as máquinas de inteligência artificial serão capazes de realizar uma degustação senorial de vinhos?

AFFONSO NUNES

Com uma carreira dedicada a traduzir a ciência por trás dos vinhos, o escritor e jornalista britânico Jamie Goode levanta uma questão que intriga tanto enólogos quanto tecnólogos: será que um dia uma máquina conseguirá, de fato, sentir o sabor de um vinho?

Goode não é um wine writer comum. PhD em biologia vegetal, ex-editor científico e fundador do www.wineanorak.com — um dos sites de vinho mais lidos do mundo —, ele é autor

de obras como “The Science of Wine: From Vine to Glass” e “I Taste Red: The Science of Tasting Wine”, além de colunista do Sunday Express. É desse olhar que nasce sua reflexão: a degustação de vinho como o grande teste para a Inteligência Artificial Física.

Nos acostumamos com a ideia de que a IA “entende” o mundo. Mas, como Goode aponta, essa compreensão é indireta — baseada em palavras e imagens, não em experiência sensorial real. “Como humanos, usamos nossa própria versão de aprendizado de máquina para entender o mundo ao nosso redor. Interagimos com

o mundo por meio de nossos receptores sensoriais: som, cheiro, visão, paladar e tato”, escreve. O cérebro não apenas recebe sinais — ele constrói ativamente um modelo do mundo usando codificação preditiva. E há ainda a interocepção, ou seja, a capacidade de sentir o próprio corpo e seu estado interno, algo que influencia diretamente como percebemos um vinho.

Dos cinco sentidos, o olfato é o mais misterioso. Temos cerca de 400 tipos de receptores olfativos, mas a ciência ainda não compreende como o cérebro combina esses sinais para formar a percepção de um aroma. Goode faz uma

distinção crucial: o chamado “nariz eletrônico” — um conjunto de analisadores que detecta odores — não tem nada a ver com cheirar. Ele mede compostos, mas não percebe aromas. A diferença é a mesma entre ler a ficha técnica de um vinho e prová-lo. “Não operamos como dispositivos de medição. Fazemos muito mais: o nível do receptor é apenas o começo”, argumenta.

Degustar um vinho é um ato multissensorial. Usamos visão, tato, paladar e olfato em conjunto para criar a sensação de sabor. Goode observa que mesmo tarefas aparentemente simples — como pegar uma taça — exigem

modelagem neural sofisticada: saber exatamente quanta força aplicar, ajustar o movimento se o copo estiver preso à mesa, sem apertá-lo demais. “Muito trabalho ainda precisa ser feito antes que tenhamos um agente no estilo Ex Machina operando no mundo real”, pondera.

Goode reconhece que os primeiros passos estão sendo dados — sistemas de recomendação, análise química de compostos, algoritmos que aprendem perfis de sabor. Mas o salto entre analisar e experienciar ainda parece distante. Para ele, o verdadeiro desafio não é tecnológico, mas conceitual: enquanto não entendermos como nosso próprio cérebro constrói a percepção do sabor a partir de sinais químicos brutos, qualquer máquina será apenas uma imitadora talentosa, jamais uma apreciadora.

A questão vai além da tecnologia. Toca no que torna o vinho uma experiência humana: a memória afetiva de um aroma, a surpresa de um sabor inesperado, o prazer subjetivo que nenhuma tipo de análise química pode capturar. Um robô até pode identificar todos os ésteres e fenóis de um vinho com precisão sobre-humana. Mas apreciar? Sentir prazer? Contextualizar um gole dentro de uma refeição, uma conversa, uma lembrança? Essa — como Goode sugere — é uma pergunta muito mais profunda.

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR NATASHA SOBRINHO



Divulgação

Agenda Vínica

O Libô, em Botafogo, promove, entre os dias 30 de junho e 3 de julho, a Agenda Espetacular de Inverno, com quatro dias de degustações e encontros com produtores de Portugal, Argentina, Itália e Chile. A programação reúne rótulos de baixa intervenção, bate-papos e harmonizações conduzidas por especialistas. Durante o evento, a casa também apresenta sua segunda carta de vinhos, assinada pela sommelière Maíra Freire, com foco em vinhos naturais, biodinâmicos e uma seleção mais acessível ao público.



Divulgação

Tem izakaya no pedaço

Depois do sucesso do Don Burizin e da recente inauguração do Portinha, ambos no Leblon, o chef Maciel Paiva prepara mais uma novidade, agora para a Barra da Tijuca. Em breve, ele abre um izakaya (a versão japonesa para o nosso tradicional boteco). A casa é assumidamente inspirada nos tradicionais bares nipônicos, com proposta descontraída, comida japonesa raiz, karaokê e espaço com games. A ideia é unir boa gastronomia e entretenimento em um ambiente voltado para encontros entre amigos.



Divulgação

Kebab no Flamengo

O Kebab Shop acaba de abrir uma nova unidade no Flamengo, ampliando sua presença na cidade. A casa, que já funciona no Centro e em outros três bairros (Botafogo, Tijuca e Leblon), é especializada em kebabs preparados com carnes marinadas por 24 horas e assadas lentamente em espetos giratórios, seguindo a tradição culinária libanesa. O cardápio reúne versões no pão árabe, pão folha ou bowl, com opções de frango, carne, falafel e kafta, mantendo a proposta de unir autenticidade, praticidade e sabor.

FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

Mexa-se no
Rio de Janeiro

O Rio de Janeiro acorda cedo, embora tenha fama de boêmio. Antes que os bares recolham as últimas cadeiras e que o primeiro ônibus carregue a pressa da cidade, já existe uma multidão silenciosa em movimento. São os que descobriram que o Rio não é apenas uma cidade para ser vista: é uma cidade para ser percorrida.

Na areia de Copacabana, quando o céu ainda está indeciso entre a noite e a manhã, aparecem os primeiros corredores. Vêm de todos os lados, com seus tênis coloridos, fones de ouvido e aquela expressão séria de quem parece disputar uma maratona invisível. Correm contra o sedentarismo, contra o colesterol, contra a saudade de um corpo que já foi mais leve. Mas correm também porque o mar está ali, chamando.

O oceano, de manhã, tem uma paciência de professor antigo. As ondas chegam, quebram, voltam. Repetem o mesmo exercício há milhões de anos, sem reclamar do calor, do vento ou da falta de motivação. Talvez seja por isso que tanta gente se anima a acompanhá-las. Enquanto o corredor passa, a espuma branca desenha uma linha paralela à sua trajetória, como se a natureza também tivesse resolvido entrar em forma.

Na ciclovia, as bicicletas deslizam numa coreografia sem maestro. Há o rapaz que pedala como se estivesse atrasado para um compromisso com a vida; há a moça que segue devagar, observando os pescadores; há o casal que divide a mesma bicicleta e, entre uma curva e outra, parece discutir quem manda no guidão. E há os aposentados, que pedalam com a tranquilidade de quem já aprendeu que não é preciso chegar primeiro para chegar bem.

Na Lagoa Rodrigo de Freitas, o cenário é outro, mas a vontade é a mesma. A água parada reflete o Cristo Redentor, que observa tudo lá do alto, braços abertos, como se abençoasse cada caminhada. Ali, o exercício ganha uma espécie de solenidade. O cidadão dá uma volta na Lagoa e sente que deu uma volta na própria vida. Em alguns trechos, o vento traz o cheiro das árvores; em outros, o barulho dos remos corta a água com a delicadeza de uma frase bem escrita.

Há quem escolha as escadarias de Santa Teresa, onde cada degrau cobra seu preço e oferece, em troca, uma vista que faz qualquer academia parecer uma sala sem janela. Há quem suba a trilha da Floresta da Tijuca, respirando fundo entre árvores que conhecem o Rio muito antes dos prédios, dos túneis e dos engarrafamentos. Há quem faça alongamento no Aterro do Flamengo, diante da Baía de Guanabara, onde o Pão de Açúcar surge como uma escultura colocada ali por algum artista exageradamente inspirado.

O carioca, quando se mexe, não está apenas cuidando do corpo. Está conversando com a cidade. Cada passo na areia, cada pedalada na orla, cada braçada no mar é uma maneira de dizer ao Rio: "Eu estou aqui." E o Rio responde com o que tem de melhor: uma montanha recortada contra o céu, um avião pousando sobre a baía, uma garça parada numa pedra, um sol que parece ter sido inventado especialmente para aquela manhã.

É curioso observar como o exercício físico, no Rio, deixa de ser obrigação e vira espetáculo. Em outras cidades, corre-se olhando para o relógio. Aqui, corre-se olhando para o horizonte. Em outros lugares, a academia tem espelhos; no Rio, o espelho é o mar. Em vez de aparelhos, há ladeiras. Em vez de teto, há céu. Em vez de música eletrônica, há o barulho das ondas e o grito distante de um vendedor de mate.

Claro que há dias em que a preguiça vence. Dias em que o travesseiro parece mais convincente do que qualquer personal trainer. Mas basta abrir a janela e ver a luz derramada sobre as montanhas para que a cidade faça seu convite silencioso. O Rio não obriga ninguém a se exercitar. Apenas seduz.

E talvez seja essa a grande vantagem de viver aqui. Mexer-se no Rio é participar de uma fotografia em movimento. É correr dentro de uma paisagem que o mundo inteiro gostaria de pendurar na parede. É perceber que o corpo, quando encontra uma cidade assim, deixa de ser apenas corpo: vira parte do cenário.

No fim da manhã, quando o sol já domina a praia e os corredores diminuem o passo, fica no ar uma sensação de dever cumprido. Não apenas porque se queimaram calorias, mas porque se viveu um pouco mais perto da cidade. E no Rio de Janeiro, onde a beleza aparece em cada esquina, mexer-se é quase uma forma de agradecimento

